

Parte III - Do pós-psicanalítico à pós-história da psicanálise

Terapia de família no Rio de Janeiro

Edna Lúcia Tinoco Ponciano

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PONCIANO, ELT. Terapia de família no Rio de Janeiro. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 97-106. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

TERAPIA DE FAMÍLIA NO RIO DE JANEIRO

*Edna Lúcia Tinoco Ponciano **

A história da Terapia de Família no Rio de Janeiro pode ser apresentada a partir de uma comparação com o início dessa modalidade terapêutica nos Estados Unidos. Começo, então, caracterizando a sua “invenção” —formulada como Abordagem Sistêmica, em contraposição à Psicanálise—, a partir dos anos 50 naquele país. Lembro, porém, que o campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro tem características próprias, marcado, fundamentalmente, pela convivência com a Psicanálise.

No final da década de 70, psicólogos, psicanalistas e psiquiatras começam a trabalhar com famílias. Hoje são muitas as instituições que formam terapeutas e atendem famílias, baseando sua prática em várias referências teóricas.

Trarei a história de algumas destas instituições, elaborada através do relato dos entrevistados, que constituiu a minha pesquisa de dissertação de mestrado.

Anos 50 — Estados Unidos da América

Os anos 50 foram os da prosperidade, principalmente para os países capitalistas desenvolvidos. Para os Estados Unidos, representou a consolidação de sua expansão, ocorrida durante e após a Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 1995).

A Terapia de Família foi fortemente influenciada por esse clima de progresso e confiança no futuro (ARIËS, 1992). Os desenvolvimentos tecnológicos e científicos que serviram aos propósitos da Segunda Guerra tornaram-se fonte de inspiração para a ideia de terapia de família, baseada

* Psicóloga, terapeuta de família, doutoranda em Psicologia Clínica, PUC/RJ.

no controle e no poder do terapeuta para ocasionar mudança. Tal concepção intervencionista não era, contudo, uma característica de todas as escolas; surgiu como traço marcante em uma escola específica, a de Palo Alto, e disseminou-se pelo campo da Terapia de Família como um todo (WITTEZAELE, 1994).

Os anos 50 foram, assim, um período fértil na criação e consolidação de novas teorias e propostas terapêuticas. Nomeio, aqui, algumas importantes elaborações anteriores à proposta de intervenção terapêutica na família: Teorias e Terapias de grupo, movimento de orientação à criança, Serviço Social e famílias, aconselhamento conjugal, Antropologia do parentesco, Sociologia da família, pesquisa em dinâmica familiar e etiologia da esquizofrenia (NICHOLS, 1998; ELKAÏM, 1998; WINKIN, 1981; LASCH, 1991).

Destaco também o grupo de pesquisa de Gregory Bateson, em Palo Alto, como determinante para a Terapia de Família. Uma nova visão encontra-se neste grupo: de uma compreensão da patologia como individual passa-se à relacional/interacional, tendo como referência uma miríade de disciplinas não psicológicas que compõem e influenciam a Abordagem Sistêmica à família. Essas disciplinas são, principalmente: a Teoria Geral dos Sistemas, a Cibernética, a Teoria da Informação e a da Comunicação (MORIN, 1990; 1997).

Os primeiros terapeutas de família, em sua maioria da Abordagem Sistêmica, rejeitaram a Psicanálise e/ou qualquer referencial terapêutico que tivesse como fundamental a noção de intrapsíquico. Começava-se a elaborar, assim, uma teoria e uma prática que levassem em conta as relações. A partir dessa marca relacional nascem muitas escolas (anos 60 e 70). Hoje outras tantas também surgem, desta vez podendo retomar à importância das considerações quanto ao intrapsíquico (subjetivo e/ou individual). Essa extensa história, no entanto, de muitos lugares e tempos (HOFFMAN, 1994; NICHOLS, 1998; ELKANI, 1998), não será desenvolvida aqui. Vou ao Rio de Janeiro.

Anos 70 — Rio de Janeiro / Brasil

No Brasil, a Terapia de Família, em sentido amplo, tem cerca de 25 anos. Sabe-se que os primeiros brasileiros, isoladamente e sem conhecimento uns dos outros, obtiveram a sua formação em cursos fora do Brasil, trazendo para cá as novidades que lá encontraram. Apesar deste início solitário, a Terapia de Família foi, aos poucos, encontrando espaço em instituições.

No Rio de Janeiro, temos, atualmente, duas instituições públicas que atendem famílias, ao mesmo tempo que formam terapeutas em seus cursos; um localizado na UFRJ e outro, na UERJ. Entre as instituições particulares que contemplam a formação de terapeutas de família, citamos: Mosaico, ITF, Núcleo, CEFAI, SPAG e Delphos.

Em minha pesquisa, entrevistei oito terapeutas de família pioneiros destas instituições formadoras, que confirmam os anos 70 como o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro e, de forma geral, no Brasil. Dentre os acontecimentos determinantes para esse início, os principais são: a expansão da Psicanálise, em instituições públicas e privadas (RUSSO, 1987); as Teorias Grupais; o trabalho já conhecido dos assistentes sociais com famílias; e a criação de Centros de Orientação com atendimentos às crianças e adolescentes, que começam a valorizar a participação dos pais no tratamento (TEIXEIRA, 1997).

Diferente do ocorrido nos Estados Unidos, a Psicanálise, em nosso contexto, pode ser vista como forte aliada da Terapia de Família, já que sua disseminação na sociedade carioca (e brasileira) prepara o solo para várias outras práticas terapêuticas (RUSSO, 1987). Seguindo o relato dos entrevistados, pode-se visualizar a importância desta diferença: a Psicanálise e, de modo geral, os “saberes psicológicos” (DUARTE, 1997) estão presentes desde o início na Terapia de Família da cidade do Rio de Janeiro.

O universo dos entrevistados

O grupo dos oito entrevistados é formado por seis mulheres e dois homens. Todas as mulheres são psicólogas e os dois homens são médicos (psiquiatras). Estas características são, por um lado, representativas do campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro, porque, em sua maioria, os terapeutas de Família são mulheres e psicólogas. Por outro lado, não se pode afirmar que seja uma caracterização suficiente, já que encontramos, dentre os terapeutas de família, uma grande variedade de profissionais, como: pedagogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais *etc.*

Há uma discussão, atualmente, quanto à viabilidade de que outros profissionais possam exercer a Terapia de Família, além de médicos e psicólogos. Contudo, não há, efetivamente, nenhum estudo que relacione a presença de tão diferentes profissionais no campo com sua prática, à exceção da pesquisa de Teixeira (1997), que discute o embate, existente no campo, entre assistentes sociais e psicólogos.

A década em que os profissionais entrevistados se graduaram foi a de 70. Os psicólogos fizeram curso na UFRJ e na PUC/RJ, com a única exceção de uma psicóloga que cursou a PUC de São Paulo. Os dois médicos graduaram-se na UEG (atual UERJ) e na UNI-RIO. A aproximação dos médicos com a Terapia de Família ocorre após a especialização em Psiquiatria, a partir da prática em hospitais psiquiátricos. Os psicólogos, porém, relatam ter um contato inicial com a Terapia de Família desde a graduação, revelando o pioneirismo das universidades citadas.

A formação em Terapia de Família é iniciada na década de 70 por metade de nossos entrevistados, enquanto a outra metade faz sua formação na década de 80. Na década de 70 só havia duas instituições que ofereciam formação em Terapia de Família. As duas instituições eram públicas, UFRJ e UERJ, sendo que os dois profissionais que nelas fizeram sua formação afirmam ser um início ainda não oficial; isto é, eram cursos somente reconhecidos posteriormente pelas universidades, após uma formalização institucional.

Três dos nossos entrevistados realizaram sua formação através de grupos de estudos e contato com terapeutas de família estrangeiros, geralmente, fora do Brasil. Outros três entrevistados formaram-se em instituições particulares que já propunham, na década de 80, cursos de formação em Terapia de Família.

Outra característica interessante de nossos entrevistados é a formação paralela em Psicanálise. Cinco entrevistados afirmam ter, ao mesmo tempo, se formado como psicanalistas e terapeutas de família, exercendo as duas possibilidades clínicas. Três desses cinco, porém, afirmam ser hoje mais terapeutas de família do que psicanalistas. É uma peculiaridade desses pioneiros no Rio, já que nos Estados Unidos os pioneiros, mesmo quando com formação em Psicanálise, tendem a rejeitá-la, considerando-a incompatível com a nova intervenção terapêutica. Dois dos entrevistados também realizaram formação em Psicodrama, trazendo para sua prática, como terapeutas de família, as técnicas específicas dessa referência.

Instituições que formaram, e formam, o campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro

No final da década de 70 compõem-se grupos, inicialmente de modo informal, em duas universidades: a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especificamente no Instituto de Psiquiatria (IPUB), e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). A partir desses grupos, surgem os primeiros cursos de formação em clínicas particulares.

Comparando com a história da Terapia de Família nos Estados Unidos, é interessante constatar que lá o início se deu em clínicas particulares e não nas universidades. Aqui, tendo começado nas universidades, hoje é, primordialmente, uma atividade de clínica particular. Em contrapartida, nos Estados Unidos, atualmente, a Terapia de Família já invadiu e se consolidou nas universidades e nos grupos de pesquisa acadêmica.

Trarei, resumidamente, a história de algumas das instituições existentes no Rio de Janeiro, privilegiando as pioneiras que formam terapeutas de família até hoje.

No Instituto de Psiquiatria (IPUB), hospital público e universitário, os primeiros profissionais, recém-chegados dos Estados Unidos, que começaram a trabalhar com Terapia de Família não tinham vínculo formal com a instituição, dificultando a oficialização de um curso (TEIXEIRA, 1997). A nova prática terapêutica, entretanto, consolidou-se aos poucos na enfermaria, no serviço de orientação infantil e, hoje, está inserida em várias modalidades de atendimento, seguindo uma orientação basicamente sistêmica.

O Hospital Pedro Ernesto (UERJ), uma instituição pública universitária, realiza um trabalho exclusivamente pautado na Escola Inglesa de Psicanálise, na qual os Grupelistas Franceses se inspiraram para criar uma Terapia de Família especificamente psicanalítica (RUFFIOT, 1985; VILHENA, 1991; ALMEIDA PRADO, 1992).

O Pedro Ernesto é um hospital com várias especialidades médicas, que possui um setor de Psicologia e de Psiquiatria. Aparece como um dos pioneiros em Terapia de Família, ao lado do IPUB, tendo semelhanças com este quanto ao processo de formalização institucional.

Em 1980 foi fundado o Centro de Família, Adolescente e Criança (CEFAC), primeira instituição particular, com profissionais originários da PUC e da UFRJ (IPUB). A PUC é mencionada várias vezes, por nossos entrevistados, como um lugar de discussão e disseminação da Terapia de Família, e possui hoje a única linha de pesquisa em Terapia de Família — pós-graduação *lato sensu*.

O CEFAC dividiu-se em meados dos anos 80, formando uma outra instituição particular, presente até hoje, o Instituto de Terapia de Família (ITF). Este se caracteriza por trazer ao campo as reflexões mais atuais provenientes do Construtivismo e do Construcionismo Social (ANDERSON & GOOLISHIAN, 1988; LOKETEK, 1997; GERGEN, 1998; 1999; FRUGGERI, 1998; MATURANA, 1980; 1995; 1998).

Outra instituição particular, o Núcleo de Pesquisa Integrada da Família e do Adolescente, nasce, em 1986, do trabalho de um psiquiatra que participara do início da Terapia de Família no IPUB. Caracteriza-se pela perspectiva da criação de uma abordagem própria, articulando referências como a Abordagem Sistêmica e as técnicas psicodramáticas (GROISMAN, 1996).

Considerações finais

No Rio de Janeiro, os terapeutas de família, de um modo geral, acompanharam as transformações ocorridas nas escolas terapêuticas que iam se desenvolvendo nos Estados Unidos e na Europa, principalmente na Itália. Desta forma, acompanharam as mudanças conceituais da Abordagem Sistêmica à família, mantendo constantes contatos com os pioneiros da Terapia de Família de outros países. A necessidade de contatos com o “exterior” é, até hoje, muito marcante.

São muitos os tipos de Terapia de Família, convivendo nos dias atuais. É também imensa a dificuldade em se definir uma linha diretriz única para a Terapia de Família (ACKERMAN, 1971). O campo se caracteriza pela articulação entre diferentes referenciais teóricos e práticas terapêuticas.

Meu objetivo tem sido, diante desta multiplicidade, traçar as opções teórico-práticas a partir de um percurso histórico. Intento, assim, visualizar o campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro, identificando sua riqueza e limitação como prática terapêutica (PONCIANO, 1999).

Finalizo com o relato de um dos entrevistados, resumindo as questões que acompanham a história da Terapia de Família, brevemente apontadas aqui, refletindo a convivência entre diversos referenciais teórico-práticos (nú e riqueza desta prática terapêutica).

Porque eu tava aqui na UFRJ, depois com a coisa política no Brasil (...) fui pra Santiago do Chile (...) lá (...) eu comecei uma clínica mais direcionada pra criança, Psicanálise infantil, uma linha inglesa kleiniana, e aí quando você é terapeuta infantil você vai encontrando alguma coisa na... no grupo... a criança começa a melhorar um pouquinho, tiram da terapia. Ann... Você começa a sentir que você

entra num sistema em que a melhoria de um altera muito as variáveis, né? (...) eu tive uma informação vinda de uma assistente social em que ela me disse: 'Ah!! (...) eu tenho um livro com coisas interessantes com um psicanalista nos Estados Unidos. Tá levantando essas questões, Ackerman. É... e fala da família e fala...'. Aí foi o primeiro livro que eu li (...) eu tive que ir embora por causa do Pinochet. Fui pra Buenos Aires onde eu entrei pra um centro comunitário (...) numa equipe que era equipe de famílias. Já não mais me senti como analista de criança. comecei a pensar... e aí comecei a ter uma informação sistêmica mais afinada, mais rigorosa..., e aí continuei com algumas reflexões que a Psicanálise marca, né? Mas fui desenvolvendo essa linha..., do sistêmico. Mas isso era sempre assim um pé na Psicanálise, um pé no sistêmico... Fiz essa trajetória toda de uma clínica muito singular por causa dessas questões. Eu nunca fui uma sistêmica puríssima e nunca fui uma psicanalista tão pura porque eu circulava de alguma forma na minha clínica com uma leitura contextual e uma leitura do intrapsíquico, né? Até que quando sai... dentro da... quando a leitura contextual vai saindo dessa etapa dos sistemas, vai entrando mais na coisa da construção do sentido através do Construcionismo Social, do Construtivismo, aí eu me situo melhor porque aí faz um sentido, faz uma ponte entre as minhas questões.

Referências bibliográficas

- ACKERMAN, N. W. "The growing edge of family therapy" in *Family Process*, 10 (02), 1971.
- ALMEIDA PRADO, M.C.C. "Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica". Tese de doutorado. Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro. PUC, 1992.
- ANDERSON, H. & GOOLISHIAN, H. "Human systems as linguistics systems" in *Family Process*, 27, 1988.
- ARIÈS, P. "A contracepção antigamente" in DUBY, G. *Amor e sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar, 1992.
- DUARTE, L.F.D. "A análise da pessoa moderna pela história e etnografia dos saberes psicológicos" in *Cadernos IPUB*, n° 8. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- ELKAÏM, M.(org.) *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.

- FRUGGERI, L. “O processo terapêutico como construção social da mudança” in MCNAMEE, S. & GERGEN, K. *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GERGEN, K.J. & KAYE, J. “Além da narrativa na negociação do sentido terapêutico” in MCNAMEE, S. & GERGEN, K. *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. “When relationships generate realities: therapeutic communication reconsidered” in www.swarthmore.edu/SocSci/Kgergenlitext6.html, 1999.
- GROISMAN, M. *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1996.
- HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914–1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOFFMAN, L. *Fundamentos de la terapia familiar. Un marco conceptual para el cambio de sistemas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LOKETEK, A. *Más allá de pactos y traiciones: construyendo el diálogo terapéutico*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- MATURANA, H. *A árvore do conhecimento*. Campinas, SP: Editorial Psy, 1995.
- _____. *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. & VARELA, F. *Autopoiesis and cognition: the realization of the living*. Boston, EUA: D. Reidel Publishing Company, 1980.
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- _____. *O método*. Portugal: Publicações Europa-América (vol. 1), 1997.
- NICHOLS, M. P. & SCWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PONCIANO, E.L.T. “História da Terapia de Família: de Palo Alto ao Rio de Janeiro” Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro, PUC, 1999.

- RUFFIOT, André *et al.* *La Thérapie familiale psychanalytique*. Paris: Dunod, 1985.
- RUSSO, J.A. “A difusão da psicanálise nos anos 70: indicações para uma análise”. In RIBEIRO, I.(org.) *Família e valores*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- TEIXEIRA, S.B.S. “O Serviço Social com famílias e as terapias familiares”. Tese de Doutorado. Instituto de Psiquiatria. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.
- VILHENA, J (org.) *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.
- WINKIN, Y (org.) *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- WITTEZAELE, J.J. & GARCIA, T. *La Escuda de Palo Alto: historia y evolución de las ideas esenciales*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.